



GT 50. Gênero, ciência e natureza

Coordenador(es):

Jane Araújo Russo (UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Fabíola Rohden (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Sessão 1

Debatedor/a: Marcos Castro Carvalho (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Sessão 2

Debatedor/a: Daniela Tonelli Manica (Unicamp)

Tradicionalmente, a oposição Natureza X Cultura pressupunha a ideia de uma seara própria da Natureza, em oposição às produções vindas da sociedade, aí incluídas a ciência e a tecnologia. A “volta” à natureza seria também o afastamento da tecnociência. Assiste-se atualmente a uma curiosa bricolagem, que articula o alto valor atribuído à Natureza com a atribuição de um valor igualmente elevado ao discurso científico e à biotecnologia. No escopo desse embricamento, a concepção de um corpo natural não se opõe à possibilidade de treinamento e/ou transformação biotecnológica. Ao contrário, o discurso acerca de um corpo natural (pré-social, biologicamente pré-dado) se acopla ao discurso das evidências científicas, a Natureza sendo vista como passível de aprimoramento. A proposta do GT é acolher discussões que englobem novas configurações ideológicas e novas construções corporais que tratem da articulação entre gênero, ciência e natureza, colocando como possibilidades: tecnologias e adestramento em experiências de gestação e parto; hormônios como agentes na construção do gênero; transformações corporais via recursos cirúrgicos e farmacológicos; reconfigurações da natureza no campo das biotecnologias.

Ciência, natureza e moral entre consultoras de amamentação

Autoria: Marina Fisher Nucci (IMS)

A amamentação ocupa lugar central no processo de construção do “amor materno”, e do ideal de “boa mãe” (Badinter, 1985). Embora a entendamos como uma técnica corporal aprendida pela socialização (Maus, 2003), ela é com frequência vista como prova máxima da natureza feminina. Recentemente, há, no Brasil, sobretudo em camadas médias de grandes cidades, o crescimento de um ideário de maternidade que preconiza um “retorno à natureza”, valorizando experiências como parto e amamentação (Alzuir; Nucci, 2015; Russo; Nucci, 2020). Conjuntamente, surgem novas profissionais voltadas à perinatalidade, como doulas, que auxiliam no parto, e consultoras em amamentação, que orientam mulheres com dificuldades para amamentar. Nesta pesquisa, realizamos dez entrevistas com consultoras em amamentação, além de observação em um curso de formação para profissionais. Notamos que a escolha desta atuação é atravessada pelas próprias experiências de maternidade, sendo frequente a busca pela carreira após tornarem-se mães. Notamos grande valorização do discurso da ciência e da promoção de “informação baseada em evidências”. Porém, embora muitas se declarem “ativistas” do aleitamento, o ativismo se distinguiria da atuação profissional, que seria baseado no aconselhamento não diretivo e respeito às escolhas das mulheres, inclusive a de não amamentar. Assim, nosso objetivo é refletir sobre a articulação entre ciência, natureza e moral, e as tensões entre “ativismo” e “aconselhamento” entre consultoras.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: